

MAPEANDO A PRODUÇÃO BRASILEIRA SOBRE GÊNERO E SERVIÇO SOCIAL

Renato Veloso¹

RESUMO:

Trata-se de um estudo sobre a utilização da categoria analítica gênero pela produção de conhecimentos em Serviço Social no Brasil. Foram examinados os resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado (de 1974 a 1997), trabalhos apresentados nos CBAS e nos ENPESS (durante a década de 90) e artigos publicados na Revista *Serviço Social e Sociedade* e nos *Cadernos ABESS*. Constatou-se que a produção do Serviço Social sobre o tema mulher e/ou relações de gênero é significativa, já sendo possível a realização de um balanço crítico de tal produção.

1. INTRODUÇÃO

Considera-se essencial o aprofundamento de estudos referentes às relações de gênero e sua maior inserção na formação profissional da (o) assistente social. A finalidade de tal inserção residiria na maior capacidade da (o) profissional de analisar os processos de formação da sociedade, das subjetividades, das ideologias, das diversas práticas sociais, econômicas e políticas, o que teria como consequência uma intervenção profissional mais competente e crítica, e, por isso mesmo, com um grau de eficácia maior. Por entender que o estudo das relações de gênero constitui-se como um dos pressupostos para uma intervenção profissional eficaz, colocamo-nos frente à tarefa de realizar um levantamento da discussão que a categoria profissional de assistentes sociais vem fazendo a respeito da categoria analítica relações de gênero. Foi examinado um extenso material produzido sob a forma de dissertações, teses, artigos e trabalhos pelas (os) assistentes sociais ao longo das décadas de 80 e 90, período em que é possível se perceber os frutos daquilo que lamamoto chamou de “maturação acadêmico-profissional do Serviço Social”

¹ Assistente Social, Mestre em Serviço Social pela UFRJ, Integrante da Comissão de Gênero e Etnia do Conselho Regional de Serviço Social – 7ª Região.

(Iamamoto, 1998:217) e que Netto descreveu como “constituição de um acervo teórico no campo do Serviço Social” (Netto, 1995:9).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Parte-se da noção de que as relações sociais são *também* constituídas pelo gênero, ou seja, as relações de gênero, juntamente com as relações de classe e de raça/etnia, constituem e fundam as relações sociais. Estas três categorias (classe, gênero e raça/etnia) são consideradas neste trabalho como os eixos básicos que estruturam toda e qualquer realidade social. Tal concepção tem como pressuposto a idéia de que estes eixos não devem ser tomados isoladamente, mas sim em profunda *articulação e interação*. Deixa-se claro, logo de início, que *não está presente neste trabalho o entendimento do gênero de forma autônoma ou absolutizada*, já que esta categoria só é fecunda para a análise das relações sociais se for tomada em suas conexões (para ficar nas fundamentais) com as relações de classe e de raça/etnia. O gênero só pode ser tomado como categoria analítica a partir do momento em que as articulações entre este e as outras categorias sejam devidamente percebidas e problematizadas, ou seja, quando a profunda imbricação entre gênero, classe e raça/etnia, seja apontada. Assim, a utilização da categoria analítica gênero, menos do que substituir ou suplantar qualquer outra categoria, tem por objetivo potencializar as análises da realidade, ou seja, acrescentar uma nova dimensão, modificar determinada maneira de se abordar o objeto de estudo que até então não se fazia presente em análises operadas a partir de uma única categoria.

A atribuição de primazia a qualquer um dos eixos estruturadores e fundantes do real não se faz presente neste trabalho, exatamente porque as relações de gênero não podem ser isoladas do conjunto das outras relações fundamentais, pois o seu entendimento não se refere apenas à produção de imagens do homem e da mulher, bem como dos lugares por eles ocupados. Relações de gênero, de acordo com Almeida (1998), constituem “um conjunto de imagens e lugares competitivos e/ou complementares que serão disputados estrategicamente, por homens e mulheres que integram diferentes frações de classe e raça/etnia, em cada contexto histórico” (Almeida, 1998:15). A categoria gênero, portanto, deve ser utilizada como potencializador de análises da realidade. E tal utilização em absoluto prejudica, minimiza ou, ainda, restringe a abrangência e o valor destas análises. Se a realidade é formada por várias determinações (sem que isso signifique que esta seja indeterminada), é necessário que estas sejam estudadas e conhecidas. As relações sociais são, assim, de acordo com a postura assumida, construídas a partir de três eixos básicos: as relações de classe, gênero e étnico-raciais. Tais relações constituem um conjunto de relações fundamentais que entrelaçam-se, que imbricam-se, potencializando-se

reciprocamente (Saffioti, Almeida e Cançado, 1992:4). Não são, portanto, processos paralelos, excludentes, ao contrário, são fenômenos que compõem-se mutuamente, que se interpenetram que constituem e que, ao mesmo tempo, são constituídos.

Os processos de subjetivação-objetivação operados pelos indivíduos são forjados com base na intercorrência destas relações. Por ser considerada um dos constituintes dos processos sociais, a subjetividade apresenta-se como detentora de um papel fundamental na compreensão da formação dos indivíduos e da realidade social. Esta é tanto produto quanto produtora de tal realidade, bem como dos contextos histórico-sociais. O que se constata é que os processos de subjetivação-objetivação, em nossa sociedade, não são processos “livres”. Existem ideologias que permeiam tais processos, ideologias que têm por finalidade a manutenção de uma determinada estrutura social, a qual depende da alienação e da reificação das relações sociais. A capacidade ou incapacidade que os indivíduos possuem de se apropriar dos frutos de sua praxis, está diretamente vinculada à existência destas ideologias, construídas com o objetivo de manter um determinado modelo de relações de classe, de relações de gênero e de relações étnico-raciais.

Neste trabalho, entende-se o gênero de acordo com a concepção de Scott (1995), ou seja, como um “elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”, apresentando-se também como “uma forma primordial de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995:11). O gênero é primordial no sentido de que está presente em absolutamente todas as relações sociais, sejam elas de classe social, étnico-raciais, ou quaisquer outras. Ele permeia, ainda de acordo com a autora, as “instâncias do simbólico”, as “normas de interpretação do significado dos diferentes símbolos”, a “política institucional” e a “política lato sensu”, além, é claro, a “formação das identidades masculina e feminina ao nível da subjetividade”, ou seja, se apresenta como uma das dimensões que atravessa e constrói a identidade do homem e da mulher. Para Lauretis (1994), o indivíduo é portador de várias identidades, que irão conformá-lo em um sujeito portador de “subjetividades”, fato este que o caracteriza, portanto, como um “sujeito múltiplo” (Lauretis, 1994:208). Para esta autora, gênero não se reduz apenas ao sexo, ou seja, apenas a uma condição natural, mas diz respeito à “representação de cada indivíduo em termos de uma relação social preexistente ao próprio indivíduo e predicada sobre a oposição ‘conceitual’ e rígida (estrutural) dos dois sexos biológicos” (p. 211). Assim, para Lauretis, o gênero é a “representação de uma relação”, este constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades já previamente constituídas, apresentando-se como a representação de uma relação social, e não de um indivíduo isolado.

Lauretis afirma que os “sistemas de gênero”, ou seja, “as concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados” (Id. Ib.), estão intimamente interligados aos fatores políticos e econômicos de cada sociedade. Assim, para a autora, o gênero é utilizado como uma forma de organização da sociedade (Lauretis, 1994:212).

Evidencia-se, portanto, a necessidade de “constructos mentais” (Saffioti e Almeida, 1995) capazes de captarem a dinâmica do gênero, não da forma como ela é apresentada pela ideologia, mas de forma “heurística”. Isto significa dizer que com a utilização da categoria analítica gênero busca-se apreender a dimensão “generificada” de todos os processos sociais através dos quais homens e mulheres se relacionam enquanto categorias sociais e enquanto membros individuais destas categorias. É exatamente nas relações cotidianas que as relações de gênero se desenvolvem, enquanto “produto e processo”, e é também sobre este mesmo cotidiano que a (o) assistente social, durante a execução de suas atividades profissionais, se debruça. Por atuar sobre a produção e reprodução das relações sociais, e por serem estas relações constituídas também pelo gênero, acredita-se que esta categoria deve ocupar o seu devido lugar, junto à formação profissional em Serviço Social, lugar este que lhe permita ser utilizada como poderoso instrumento que é para a problematização e desvendamento das relações sociais, e por isso mesmo, potencializador das análises sobre as quais a (o) assistente social deve se pautar durante o seu exercício profissional.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa sobre a produção de conhecimentos em Serviço Social incidiu sobre fontes consideradas de grande importância e de contribuição significativa para se pensar o Serviço Social em nossa sociedade: dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas pelo Serviço Social brasileiro; trabalhos apresentados nos Congressos Brasileiros de Assistentes Sociais – CBAS; trabalhos apresentados nos Encontros Nacionais de Pesquisadores em Serviço Social – ENPESS; artigos publicados na Revista Serviço Social e Sociedade e artigos publicados nos Cadernos ABESS.

Na fase de operacionalização propriamente dita da pesquisa, trabalhou-se, em um primeiro momento, com os resumos de todas as dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas nos Programas de Pós-Graduação em Serviço Social brasileiros, defendidas no período compreendido entre os anos de 1975 e 1997 (Kameyama, 1996), selecionando-se aqueles que apontavam a preocupação com questões referentes a relações de gênero, mulher e/ou condição feminina. O mesmo procedimento foi empregado, em um segundo

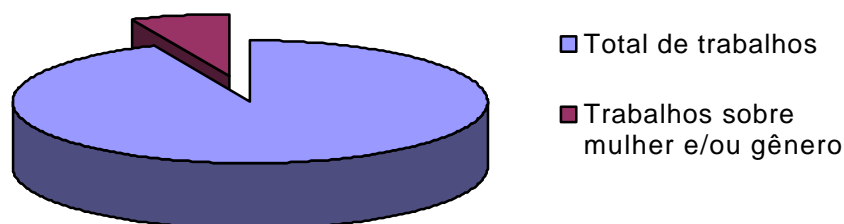
momento, junto aos trabalhos apresentados nos CBAS e nos ENPESS. Foram utilizados os Cadernos de Teses e Cadernos de Comunicações dos três últimos CBAS (1992, 1995 e 1998) e dos dois últimos ENPESS (1996 e 1998). Um terceiro momento da pesquisa consistiu no exame dos artigos publicados nas Revistas Serviço Social e Sociedade e nos Cadernos ABESS, onde foi utilizado o mesmo procedimento empregado nos momentos anteriores. Depois do levantamento de todos os artigos publicados em todos os números da Revista Serviço Social e Sociedade (n^{os} 1 a 60) e dos Cadernos ABESS (n^{os} 1 a 8) foram selecionados aqueles que diziam respeito ao tratamento da questão da mulher e/ou das relações de gênero. Após a seleção dos trabalhos que seriam o alvo de nossa investigação, passamos a classificar estes trabalhos em áreas temáticas.

4. A PRESENÇA DO GÊNERO NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS NO SERVIÇO SOCIAL

4.1. Dissertações de mestrado e teses de doutorado

O conjunto de dissertações de mestrado e teses de doutorado produzido pelos Programas de Pós-Graduação em Serviço Social até 1997 totaliza 1.028 trabalhos, sendo 70 teses de doutorado (todas da PUC-SP) e 958 dissertações de mestrado (cf. Kameyama, 1998:38). Deste total, foram selecionados 74 trabalhos (68 dissertações e seis teses de doutorado) que se preocupavam com a questão da mulher ou das relações de gênero, correspondentes a 7,2% do acervo total de trabalhos produzidos.

Trabalhos sobre mulher e/ou gênero produzidos nos Programas de Pós-Graduação

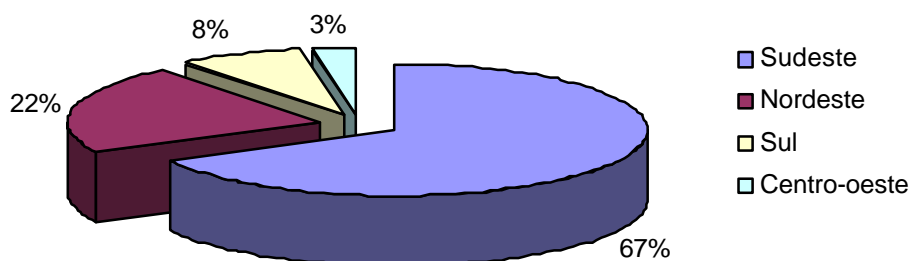


Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado publicados no Catálogo de Teses e Dissertações, da Pesquisa Produção de Conhecimento do Serviço Social.

Apesar de, à primeira vista, o número de trabalhos sobre mulher e/ou relações de gênero parecer pequeno, acredita-se que este seja um índice significativo, principalmente se leva em conta a vasta gama de áreas temáticas sobre as quais o Serviço Social vem se dedicando, no que se refere ao estudo e à pesquisa.

A distribuição dos trabalhos pelas regiões geográficas em que foram produzidos mostra que as regiões sudeste e nordeste detêm a maior parte dos trabalhos produzidos, tendo a primeira um número de trabalhos acentuadamente maior em relação à segunda, como é possível visualizar no gráfico a seguir.

Dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre mulher e/ou relações de gênero distribuídas por região geográfica em que foram produzidas



Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado publicados no Catálogo de Teses e Dissertações, da Pesquisa Produção de Conhecimento do Serviço Social.

É na região sudeste que estão localizados os três maiores e mais antigos Programas de Pós-Graduação em Serviço Social do Brasil, que são os da PUC-SP, da PUC-RJ e da UFRJ, além do da UNESP². Esta região apresenta, como se pode constatar, o maior número absoluto de trabalhos produzidos sobre o tema mulher e/ou relações de gênero. No entanto, no que se refere a números relativos, pode-se ver que a região nordeste apresenta os maiores índices, como se perceberá na tabela a seguir. Ressalta-se que o total de trabalhos produzidos na região centro-oeste não foi levado em consideração nesta análise, por ser um número bastante pequeno de trabalhos, o que não nos permite, ainda, a identificação de tendências.

² Na região nordeste, estão localizados os da UFPB e UFPE. Na região sul está o Programa da PUC-RS, enquanto que o da UNB está na região centro-oeste.

Dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre mulher e/ou gênero distribuídas por regiões geográficas em que foram produzidas

Regiões geográficas	Total de trabalhos produzidos	Trabalhos sobre mulher e/ou gênero	%
Sudeste	771	50	6,5
Nordeste	136	16	11,7
Sul	107	6	5,6
Centro-oeste	14	2	14,3
Total	1028	74	7,2

Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado, produzidos entre os anos de 1975 a 1997, publicados no *Catálogo de Teses e Dissertações*, da Pesquisa *Produção de Conhecimento do Serviço Social*.

Pode-se perceber que na região nordeste cerca de 11% do acervo produzido dedica-se ao tema da mulher e/ou do gênero, enquanto que no sudeste este percentual é de 6,5%. A distribuição dos trabalhos pode ser melhor verificada e percebida se a efetuamos pelos Programas em que foram produzidos. Tal distribuição demonstra que as universidades que possuem mais trabalhos sobre o tema em pauta são exatamente aquelas que detêm o maior total de trabalhos produzidos sobre os vários outros temas de interesse do Serviço Social, ou seja, exatamente as maiores universidades, que são a PUC-SP, a PUC-RJ (que apresenta um percentual igual ao da UFPE) e a UFRJ, como se constata na tabela a seguir.

Dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas nos Programas de Pós-Graduação brasileiros

Universidades	Número de trabalhos	%
PUC-SP	25*	33,8
UFRJ	12	16,2
UFPE	10	13,5
PUC-RJ	10	13,5
PUC-RS	06	8,1
UFPB	06	8,1
UNESP	03	4,1
UNB	02	2,7
Total	74	100,0

Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado, produzidos entre os anos de 1975 a 1997, publicados no *Catálogo de Teses e Dissertações*, da Pesquisa *Produção de Conhecimento do Serviço Social*.

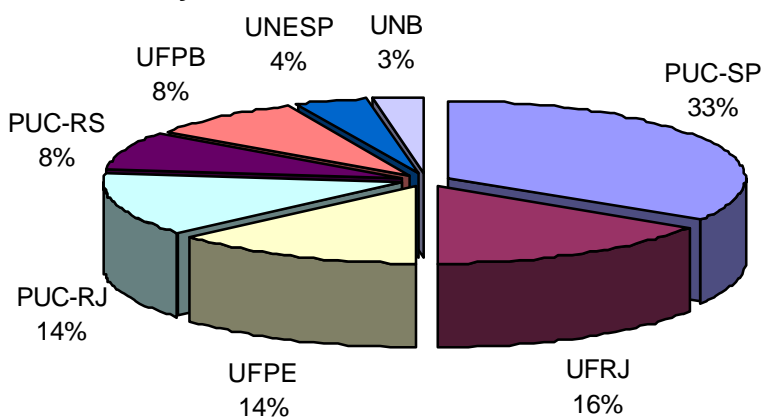
Percebe-se que a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP apresenta o maior número de trabalhos sobre mulher e/ou relações de gênero produzidos no período, provavelmente devido ao fato de ser esta a universidade que possui a pós-graduação mais antiga, criada em 1972, além de possuir também o curso de doutorado³. A Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, apesar de não ser a segunda mais antiga (já que sua Pós-graduação foi criada em 1976, quatro anos depois da criação da Pós da PUC-RJ), apresenta o segundo maior número de trabalhos sobre o tema. Os Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ, apesar da diferença de seis anos entre eles (o primeiro foi criado em 1978 e o último em 1972), apresentam o mesmo número de dissertações sobre o tema mulher e/ou relações de gênero. Também com o

* Dentre os trabalhos produzidos pela PUC-SP, seis deles são teses de doutorado.

³ Ressalta-se que a UFRJ apesar de possuir um curso de doutorado, não teve nenhuma tese defendida durante o período pesquisado. Assim, as teses de doutorado que foram examinadas nesta dissertação (seis) foram todas produzidas na PUC-SP.

mesmo número de dissertações sobre o tema, estão as Pós-Graduações da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS e da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Com um número bem menor de trabalhos, estão a Universidade Nacional de Brasília – UNB e a Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, ambas criadas no início da década de 90⁴.

Trabalhos sobre mulher e/ou gênero produzidos nos Programas de Pós-Graduações brasileiros



Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado publicados no Catálogo de Teses e Dissertações, da Pesquisa Produção de Conhecimento do Serviço Social.

No entanto, ao se voltar a atenção não para os valores referentes ao total de trabalhos sobre mulher e/ou relações de gênero, mas para a relação entre os trabalhos sobre este tema e o total geral de trabalhos de cada universidade, percebe-se que a distribuição apresenta algumas mudanças, como se verifica na próxima tabela. Ao tomar como parâmetro o total geral de trabalhos de cada Programa de Pós-Graduação, constata-se que o percentual de trabalhos sobre mulher e/ou gênero se apresenta maior naquelas universidades que não possuem uma quantidade tão grande de trabalhos produzidos. Ou seja, a PUC-SP possui o maior *número absoluto* de trabalhos sobre mulher e sobre relações de gênero, no entanto, este tema ocupa apenas 6,4% do seu acervo; enquanto que a UFPE, que possui o terceiro maior número de trabalhos produzidos sobre gênero e/ou mulher (o mesmo número que a PUC-RJ, cujo total geral de trabalhos é 3,5 vezes maior que o da UFPE), tem um acervo em que 14,5% dos trabalhos são sobre a problemática da mulher e/ou das relações de gênero. Desta forma, enquanto em

⁴ Reiteramos que não serão levados em consideração, nesta análise, os dados oriundos da UNESP-Franca e da UNB, pois ambas são universidades que possuem pós-graduações muito recentes, com poucas dissertações defendidas, por isso é muito cedo para realizar qualquer afirmação em relação a elas.

termos *absolutos* a produção sobre mulher e/ou gênero nos Programas de Pós-Graduação em Serviço Social apresenta uma determinada configuração, em termos *relativos*, esta configuração muda, e é possível perceber que a UFPE, UFRJ e UFPB são as universidades em cujas Pós-Graduações a presença de estudos sobre mulher e/ou gênero é maior, em relação aos trabalhos produzidos nestas mesmas universidades.

Dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas nos Programas de Pós-Graduação brasileiros

Universidades	Total de trabalhos produzidos por universidade	Trabalhos sobre mulher e/ou relações de gênero por universidade	Percentual dos trabalhos sobre mulher e/ou gênero por universidade
UFPE	69	10	14,5 %
UFRJ	125	12	9,6 %
UFPB	67	06	8,9 %
PUC-SP	393	25	6,4 %
PUC-RS	107	06	5,6 %
PUC-RJ	238	10	4,2 %
UNESP	15	03	20,0 %
UNB	14	02	14,3 %
Total	1028	74	7,2 %

Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado, produzidos entre os anos de 1975 a 1997, publicados no *Catálogo de Teses e Dissertações*, da Pesquisa *Produção de Conhecimento do Serviço Social*.

O tratamento dos dados da pesquisa tem por objetivo explorar os vários aspectos que julgamos ser interessantes. Quando se tratam os dados desta forma, comparando a produção em números absolutos com a produção em números relativos, se quer apenas destacar que existem fatores que devem ser levados em consideração quando do momento de se analisar a produção de

conhecimentos do Serviço Social no que se refere à questão da mulher e/ou do gênero. Não constitui objetivo deste trabalho afirmar que tal universidade produz mais sobre mulher e/ou gênero que outra(s), até porque não se pode pensar a produção da UFPE, por exemplo, sem levar em consideração a contribuição que universidades como UFRJ e PUC-SP tiveram para a formação de pesquisadores nesta área, já que mestrandos e doutorandos da região nordeste do país cursaram ou ainda cursam o mestrado e doutorado nestas universidades, por exemplo. Da mesma forma que alunos que venham de universidades da região nordeste, por exemplo, trazem a discussão para a região sudeste, sul e centro-oeste. As universidades brasileiras que possuem o curso de Serviço Social, com ou sem pós-graduação, realizam entre si um forte intercâmbio, e, portanto, a produção de cada universidade ou Programa não pode ser tomada como fechada em si mesma, devendo-se considerar, também, as contribuições oriundas das outras universidades e Programas do país, seja através da formação que elas realizam, ou através da contribuição de seus pesquisadores, docentes e discentes.

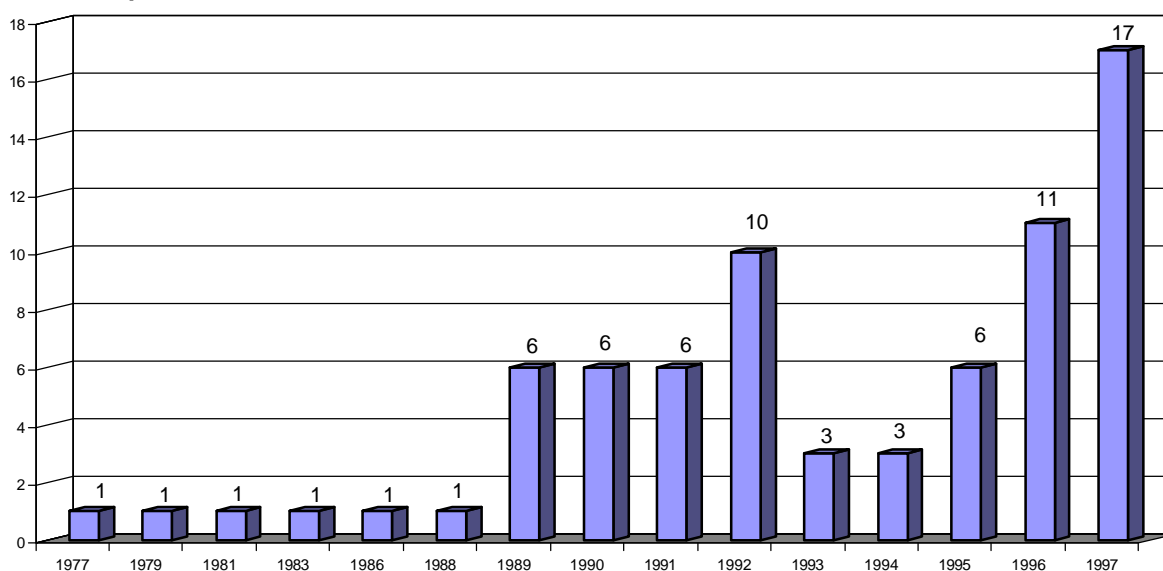
Dando continuidade à exposição dos dados, aponta-se que em relação à distribuição dos trabalhos pelos anos em que foram produzidos, pode-se perceber, através do gráfico a seguir, que a maior concentração reside no período compreendido a partir do ano de 1989, quando começa a surgir uma maior quantidade de estudos sobre o tema.

No âmbito das Ciências Sociais, o movimento feminista teve uma contribuição muito forte junto à produção de trabalhos sobre o tema mulher e relações de gênero (Louro 1996; Scavone, 1996). Acredita-se que no Serviço Social tal influência também tenha ocorrido, pois muitos dos trabalhos examinados explicitam questionamentos que poderiam ser tomados como feministas, já que buscavam romper ou pelo menos minar as condições desfavoráveis da mulher na sociedade. Basta lembrar, por exemplo, os trabalhos que buscavam investigar as transformações ocorridas nas mulheres quando da sua participação em alguns movimentos sociais, como por exemplo, associação de moradores, sindicatos, etc.; ou ainda os trabalhos que trataram a questão do trabalho feminino, constatando a sua subalternização e má remuneração. A questão central destes trabalhos reside na crítica à subordinação e discriminação da mulher e/ou das atividades que ela realiza. Tal crítica, determinante para a realização dos trabalhos, pode ser considerada como feminista, já que busca lutar contra a dominação-exploração das mulheres. Assim, parece plausível a afirmação de que parte da produção de conhecimentos do Serviço Social, objetivada nas dissertações de mestrado e teses de doutorado cujos resumos foram objetos de investigação, sofreu influência da crítica feminista ao padrão vigente de relações entre homens e mulheres, principalmente aqueles trabalhos que demonstram

conhecer ou perceber a existência do “gênero”, da “questão de gênero”, ou ainda das “relações de gênero”.

Parece, portanto, de acordo com o gráfico a seguir, que esta influência se mostra com força a partir do final da década de 80, quando é possível verificar o aumento dos estudos sobre o tema. Como se sabe, o Serviço Social, apesar de ser uma profissão composta majoritariamente por mulheres, não teve, no seu surgimento, uma aproximação ao movimento feminista (Heckert, 1991). Esta aproximação é recente, produto do processo de discussão que o Serviço Social vem desenvolvendo, que aponta para a incorporação de novos subsídios para o debate e discussão acadêmico-profissional, onde a contribuição feminista é significativa. Assim, acredita-se que os desdobramentos dessa contribuição podem ser percebidos nesta parte da produção de conhecimento em Serviço Social no final da década de 80, quando o número de estudos sobre mulher e/ou gênero se intensifica.

Dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre mulher e/ou gênero distribuídas por ano



Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado publicados no Catálogo de Teses e Dissertações, da Pesquisa Produção de Conhecimento do Serviço Social.

Percebeu-se durante o exame do material de pesquisa que os estudos se referiam não apenas à mulher, isoladamente, mas sim à sua condição em determinados contextos sociais, em determinadas situações específicas. Assim, optou-se por classificar o conjunto dos estudos em áreas temáticas específicas,

que podem ser visualizadas na tabela a seguir. Constatase que a temática do “trabalho” é a mais recorrente nas dissertações e teses sobre mulher e/ou gênero produzidas nos Programas de Pós-Graduação em Serviço Social. Mais à frente, veremos que no tocante aos trabalhos apresentados nos CBAS e ENPESS, assim como nos artigos publicados na Revista *Serviço Social e Sociedade*, a distribuição dos trabalhos pelas áreas temáticas sofre uma leve alteração, passando as áreas temáticas “violência”, “saúde” e “família” a se configurarem como as detentoras de uma maior concentração de trabalhos.

Dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre mulher e/ou relações de gênero distribuídas por áreas temáticas de abrangência

Áreas Temáticas	Quantidade	%
Trabalho	18	24,4
Família	10	13,5
Saúde	8	10,8
Movimentos Sociais e/ou Cidadania	7	9,5
Violência	7	9,5
Infância/Adolescência	5	6,7
Serviço Social	5	6,7
Terceira Idade	4	5,4
Criminalidade	3	4,1
Condição Feminina	2	2,7
Mulheres Migrantes	2	2,7
Mulher Negra	1	1,3
Profissões masculinas e femininas	1	1,3
Sexualidade	1	1,3
Total	74	100 %

Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado, produzidos entre os anos de 1975 a 1997, publicados no *Catálogo de Teses e Dissertações*, da Pesquisa *Produção de Conhecimento do Serviço Social*.

A categoria gênero foi introduzida no debate acadêmico norte-americano na década de 70, enquanto que no Brasil, data da virada da década de 90 o aparecimento de estudos sobre gênero (Almeida, 1997). Pretende-se, então, verificar a partir de quando o gênero começa a ser utilizado como categoria de análise pela produção de conhecimentos em Serviço Social. A utilização do termo “gênero” representa um avanço nos estudos e investigações da problemática feminina, já identificado nas Ciências Sociais (cf. Lavinhas e Castro, 1992 e Louro, 1996). Entende-se que chamar uma produção de “estudo de gênero” contém em si algumas implicações, devendo-se, portanto, não definir como sendo de gênero estudos, trabalhos e pesquisas que não possuam tal perspectiva analítica.

Na tabela a seguir pode-se perceber que a quantidade de trabalhos que possuem uma perspectiva de gênero é considerável, dentro do conjunto de trabalhos sobre mulher e/ou gênero, apesar de não ser maioria.

Dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre mulher e/ou relações de gênero distribuídas por tipos de estudo

Tipo de Estudo	Total	Percentual
Não possuem perspectiva de gênero	46	62,2 %
Possuem perspectiva de gênero	28	37,8 %
Total	74	100,0 %

Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado, produzidos entre os anos de 1975 a 1997, publicados no *Catálogo de Teses e Dissertações*, da Pesquisa *Produção de Conhecimento do Serviço Social*.

Percebe-se que a maior parte das dissertações e teses produzidas pelo Serviço Social que investigam a questão da mulher, ainda não incorporou às suas análises a categoria gênero. O percentual de trabalhos que buscam investigar os fenômenos percebendo a dimensão de gênero neles presente se apresenta em um número bem menor. Isto significa que, no Serviço Social (pelo menos no que se refere às dissertações de mestrado e teses de doutorado), a categoria gênero

não é plenamente utilizada para analisar a questão da mulher na sociedade, sendo tal tarefa executada por pouco mais de um terço dos trabalhos.

Na tabela a seguir, vemos a distribuição dos estudos de gênero pelas regiões geográficas brasileiras. Nesta tabela é possível perceber que o total de estudos que explicitam uma perspectiva de gênero corresponde a 2,7% do total geral de trabalhos produzidos pelo Serviço Social.

Dissertações de mestrado e teses de doutorado que possuam perspectiva de gênero distribuídas por grandes regiões geográficas brasileiras

Região	Total de Trabalhos	Estudos de gênero	%
Sudeste	771	15	1,9%
Nordeste	136	10	7,4%
Sul	107	1	0,6%
Centro-oeste	14	2	14,6%
Total	1028	28	2,7%

Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado, produzidos entre os anos de 1975 a 1997, publicados no *Catálogo de Teses e Dissertações*, da Pesquisa *Produção de Conhecimento do Serviço Social*.

Verifica-se aqui, mais uma vez, a tendência de a região sudeste possuir o maior *número absoluto* de trabalhos que possuem perspectiva de gênero, e, também, a tendência de a região nordeste possuir o maior *número relativo* de trabalhos produzidos que expressem tal perspectiva. A próxima tabela diz respeito à distribuição dos estudos de gênero pelas universidades brasileiras em que foram produzidas.

Dissertações de mestrado e teses de doutorado que possuam perspectiva de gênero distribuído pelas universidades em que foram produzidas

Universidades	Total de Estudos	Estudos de gênero	%
PUC-SP	393	6	1,5%
PUC-RJ	238	5	2,1%
UFRJ	125	4	3,2%
PUC-RS	107	1	0,9%
UFPE	69	7	10,1%
UFPB	67	3	4,5%
UNESP	15	0	0%
UNB	14	2	14,3%
Total	1028	28	2,7%

Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado, produzidos entre os anos de 1975 a 1997, publicados no *Catálogo de Teses e Dissertações*, da Pesquisa *Produção de Conhecimento do Serviço Social*.

Pode-se perceber, pela tabela, que a UFPE, com o total de 7 trabalhos, é a universidade que, tanto em termos *absolutos* quanto *relativos*, mais produziu estudos sobre gênero no Brasil, sendo 10,1% do acervo da sua pós-graduação constituído por estudos que possuem uma perspectiva de gênero. A UFPB e a UFRJ apresentam números absolutos inferiores aos da PUC-SP e PUC-RJ. No entanto, naquelas os estudos de gênero ocupam respectivamente 4,5% e 3,2% do seu acervo, enquanto cabem à PUC-RJ e à PUC-SP 2,1% e 1,5%, respectivamente. A PUC-RS apresenta um índice de 0,9%.

Há que se apontar, portanto, o significado da contribuição da UFPE na produção de estudos de gênero no Brasil, mas ressaltando que outras universidades tiveram participação neste processo, através de seus docentes e pesquisadores. Deve-se levar também em consideração, o fato de que, quando o Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFPE é estruturado, em 1979, a temática da mulher e do gênero já estava presente no âmbito das Ciências Sociais, que, como se sabe, tem influência direta nas produções do Serviço Social.

A próxima tabela refere-se à distribuição dos estudos de gênero pelos anos em que foram defendidos. Os estudos sobre mulher já existem no Serviço Social brasileiro desde finais da década de setenta. No entanto, os estudos de gênero, ou seja, que explicitam uma perspectiva de gênero tiveram a sua entrada no Serviço Social mais recentemente. O primeiro trabalho que menciona a utilização do conceito de gênero data do final da década de 80, o que significa que no Serviço Social a introdução da categoria gênero acompanha o movimento nas Ciências Sociais. Passemos à tabela.

Dissertações de mestrado e teses de doutorado que possuem perspectiva de gênero distribuído pelos anos em que foram defendidas

Ano de Defesa	Número de Trabalhos	Percentual
<i>Década de 80</i>	1	3,6 %
89	1	3,6 %
<i>Década de 90</i>	27	96,4 %
90	1	3,6 %
92	4	14,3 %
93	1	3,6 %
94	2	7,1 %
95	5	17,8 %
96	6	21,4 %
97	8	28,6 %
Total	28	100,0 %

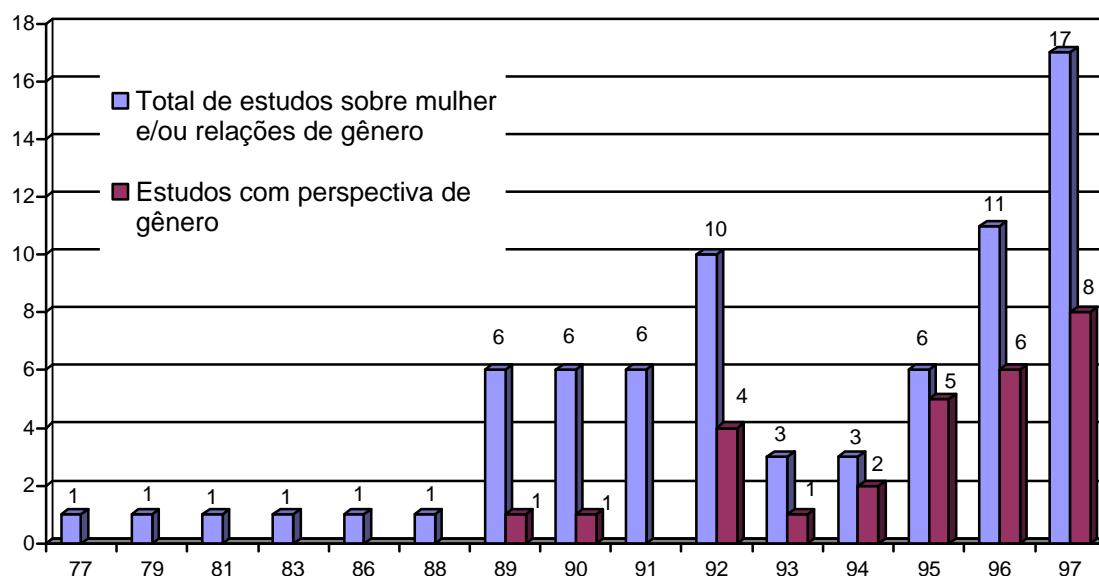
Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado, produzidos entre os anos de 1975 a 1997, publicados no *Catálogo de Teses e Dissertações*, da Pesquisa *Produção de Conhecimento do Serviço Social*.

O primeiro estudo onde se expressava a utilização de uma perspectiva de gênero produzido por uma pós-graduação em Serviço Social foi defendido em 1989. No entanto, como já foi visto antes, os estudos sobre a questão da mulher na sociedade já existiam no Serviço Social desde a década de 70, o que demonstra que antes da categoria gênero ser introduzida no Serviço Social, a sua produção de conhecimento já estava sintonizada com o debate sobre a problemática da mulher nos mais variados âmbitos sociais. Já havia uma preocupação em se estudar as condições de trabalho da mulher operária, o trabalho doméstico, a trabalhadora rural, a violência contra a mulher, a saúde da mulher, a velhice da mulher, etc. No entanto, o estudo dessas questões também da ótica de gênero só passa a ocorrer no Serviço Social a partir do final da década de 80 e início da década de 90.

Se a chegada dos estudos de gênero ocorreu nas ciências sociais na virada da década de 90, pode-se afirmar que no Serviço Social aconteceu o mesmo. Os primeiros estudos de gênero começam a surgir na produção da Pós-graduação brasileira em Serviço Social no final da década de 80 e início da década de 90, e vão aumentando com o passar dos anos, demonstrando a sua incorporação gradual pela produção de dissertações e teses.

No gráfico a seguir, percebe-se que dentre os 17 trabalhos sobre mulher e/ou gênero defendidos em 1997, por exemplo, oito deles realizavam suas análises a partir de uma perspectiva de gênero. Constata-se que a utilização de uma perspectiva que aborde a dimensão do gênero presente na realidade social vai se intensificando com o passar dos anos, no que se refere à produção de conhecimentos em Serviço Social objetivada nas dissertações de mestrado e teses de doutorado. Inexistentes na década de 70, também nas Ciências Sociais, os estudos de gênero surgem na virada da década de 90, quando apresentam um crescimento considerável. Dos 62 trabalhos sobre o tema defendidos nesta década, 27, ou seja, 43,5%, realizam suas análises com base em uma perspectiva de gênero.

Dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre mulher e/ou gênero distribuídas por tipo e ano



Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado publicados no Catálogo de Teses e Dissertações, da Pesquisa Produção de Conhecimento do Serviço Social.

A questão da mulher e/ou das relações de gênero vem ocupando na produção de conhecimentos em Serviço Social um espaço cada vez mais crescente, demonstrando que a preocupação com estas questões têm se ampliado com o passar do tempo. E a utilização de uma perspectiva que privilegie um tratamento a partir de uma ótica de gênero também tem se ampliado, colocando em evidência a colaboração que esta categoria analítica tem dado à produção de conhecimento em Serviço Social e, conseqüentemente, à sua intervenção profissional.

Os trabalhos nos quais foi possível perceber a existência de uma perspectiva de gênero foram agrupados em áreas temáticas, de modo a perceber quais os temas que concentravam maior incidência de estudos. A partir da leitura de todos os resumos procedeu-se à classificação nas áreas temáticas referentes ao tema abordado. Sua distribuição pode ser verificada na tabela a seguir.

Dissertações de mestrado e teses de doutorado que possuam perspectiva de gênero distribuído por áreas temáticas de abrangência

Áreas Temáticas	Número de Trabalhos	%
Gênero e Trabalho	06	21,5
Gênero e Infância/Adolescência	05	17,8
Gênero e Violência	05	17,8
Gênero e Movimentos Sociais	05	17,8
Gênero e Saúde	03	10,7
Gênero e Condição Feminina	01	3,6
Gênero e Criminalidade	01	3,6
Gênero e Terceira Idade	01	3,6
Gênero nas Profissões	01	3,6
Total de trabalhos sobre gênero	28	100,0

Fonte: resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado, produzidos entre os anos de 1975 a 1997, publicados no *Catálogo de Teses e Dissertações*, da Pesquisa *Produção de Conhecimento do Serviço Social*.

Como se pode notar, a área do trabalho concentra o maior número de trabalhos realizados, repetindo a mesma tendência que o conjunto de trabalhos sobre mulher e/ou gênero. O interessante a destacar aqui é a incidência de estudos sobre criança e adolescentes realizados numa perspectiva de gênero, que apresentou o segundo maior número de trabalhos; e também o fato de não ter sido encontrado nenhum estudo que tratasse a família sob uma perspectiva de gênero.

4.2. A produção dos Congressos Brasileiros de Assistentes Sociais - CBAS e dos Encontros Nacionais de Pesquisadores em Serviço Social - ENPESS

Tratar-se-á da análise sobre a produção da categoria profissional, utilizando como campo empírico trabalhos produzidos e apresentados nos três últimos *Congressos Brasileiros de Assistentes Sociais*⁵ e nos dois últimos *Encontros Nacionais de Pesquisadores em Serviço Social*⁶. Estes *Congressos* e *Encontros* foram realizados na década de 90, quando a investigação das relações de gênero começa a ser operada no interior da produção de conhecimentos no Serviço Social.

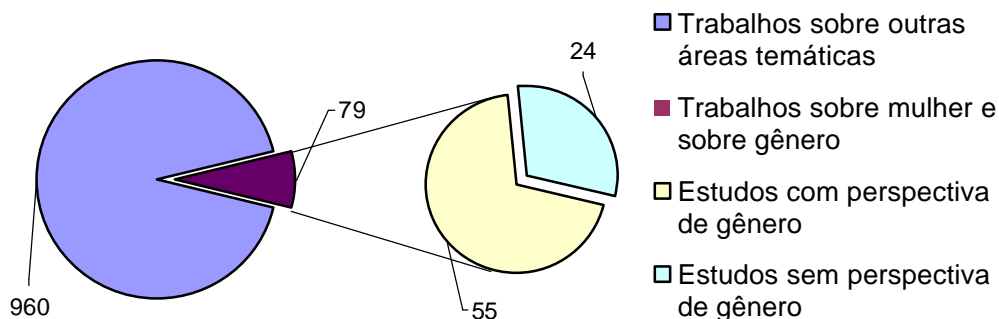
Considera-se que os trabalhos produzidos e apresentados nestes espaços de encontro e discussão da categoria de assistentes sociais demonstram as preocupações e reflexões desenvolvidas no âmbito do Serviço Social acerca dos vários temas e áreas temáticas com os quais mantém interlocução. Optou-se por não considerar apenas os trabalhos agrupados pelas Comissões Técnicas dos referidos eventos nos painéis específicos sobre gênero, examinando-se todos os outros painéis temáticos.

Dos 1039 trabalhos apresentados nos CBAS e nos ENPESS examinados, constatou-se que 79 deles (7,6%) tratavam o tema da mulher e/ou das relações de gênero. Deste total de trabalhos, 55 são estudos que utilizam uma perspectiva de gênero. Esta distribuição pode ser melhor percebida no gráfico exposto a seguir.

⁵ O 7º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais - CBAS, aconteceu na cidade de São Paulo, em maio de 1992. O 8º CBAS foi em Salvador - Bahia, em julho de 1995. E o 9º CBAS, o maior já realizado até hoje, haja vista a grande quantidade de trabalhos apresentados (que por sinal foram divididos em dois volumes), foi realizado em Goiânia - GO, em julho de 1998.

⁶ O V Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social – ENPESS, aconteceu em 1996, na Faculdade de Serviço Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, de 04 a 07 de novembro de 1996. E o VI ENPESS aconteceu na Universidade de Brasília, de 07 a 09 de dezembro de 1998.

Trabalhos sobre mulher e/ou gênero apresentados nos CBAS e ENPESS



Fonte: Trabalhos apresentados nos CBAS e ENPESS entre os anos de 1992 e 1998, publicados nos cadernos de teses e cadernos de comunicações dos eventos.

As tabelas a seguir mostram a distribuição dos trabalhos apresentados por Congresso/Encontro e por ano de realização do referido CBAS ou ENPESS, destacando a parcela que trata o tema da mulher e/ou das relações de gênero.

Distribuição dos trabalhos examinados por CBAS, ano de realização e tipo de trabalho

CBAS	Total geral de trabalhos	Trabalhos sobre mulher e/ou gênero	Trabalhos que possuem perspectiva de gênero
7º CBAS – 1992	92	05	02
8º CBAS – 1995	205	16	10
9º CBAS – 1998	422	27	17
Total	719	48	29

Fonte: Trabalhos apresentados nos CBAS e ENPESS, entre os anos de 1992 e 1998, publicados nos cadernos de comunicações e cadernos de teses dos eventos.

Distribuição dos trabalhos examinados por ENPESS, ano de realização e tipo de trabalho

ENPESS	Total geral de trabalhos	Trabalhos sobre mulher e/ou gênero	Trabalhos que possuem perspectiva de gênero
5º ENPESS – 1996	160	14	12
6º ENPESS – 1998	160	17	14
Total	320	31	26

Fonte: Trabalhos apresentados nos CBAS e ENPESS, entre os anos de 1992 e 1998, publicados nos cadernos de comunicações e cadernos de teses dos eventos.

Pôde-se perceber que a quantidade de estudos sobre mulher e/ou sobre gênero encontrados apresenta um percentual parecido com o encontrado nas dissertações de mestrado e teses de doutorado, apesar de o período de elaboração dos trabalhos ser bastante diferenciado, já que as dissertações e teses estudadas foram produzidas entre 1975 e 1997, e os trabalhos dos CBAS e dos ENPESS foram todos produzidos na década de 90. Parece que a tendência que vem se apresentando é a de que os estudos sobre mulher e/ou sobre gênero, além de expressarem o crescimento dessas temáticas no Serviço Social, ocupam um espaço na produção de conhecimentos no Serviço Social que é da ordem de 7%, o que é um índice significativo, sobretudo se leva em consideração a ampla variedade de áreas e objetos de estudo sobre os quais o Serviço Social se debruça. Parece-me, desta forma, que não é mais legítimo afirmar que os estudos sobre mulher e/ou sobre gênero, não ocupam no Serviço Social um espaço significativo, ou ainda, que o Serviço Social não dedique importância ao gênero, pois como se tem visto até aqui, o número de trabalhos sobre o tema é considerável.

Outro aspecto a ser observado é que o número de estudos que apresenta uma perspectiva de gênero nos trabalhos apresentados nos CBAS e

nos ENPESS é bem maior que o número de trabalhos do mesmo tipo encontrados entre as teses e dissertações cujos resumos foram examinados. Creio que essa presença maior da dimensão de gênero presente nos trabalhos apresentados nos CBAS e ENPESS, se dá devido a um amplo conjunto de fatores, dentre os quais se podem destacar:

1 – o fato de grande parte destes trabalhos terem sido produzidos em 1998 – como se sabe, não tomamos como objeto de estudo os resumos das dissertações e teses defendidas em 1998, e os dados que obtivemos até 1997 demonstram que os estudos com perspectiva de gênero vêm apresentando um crescimento progressivo, podendo-se inferir que a tendência é que em 1998 o número de estudos com esta característica aumente, em decorrência da incorporação da discussão sobre as relações de gênero pelo Serviço Social e de sua utilização como categoria analítica;

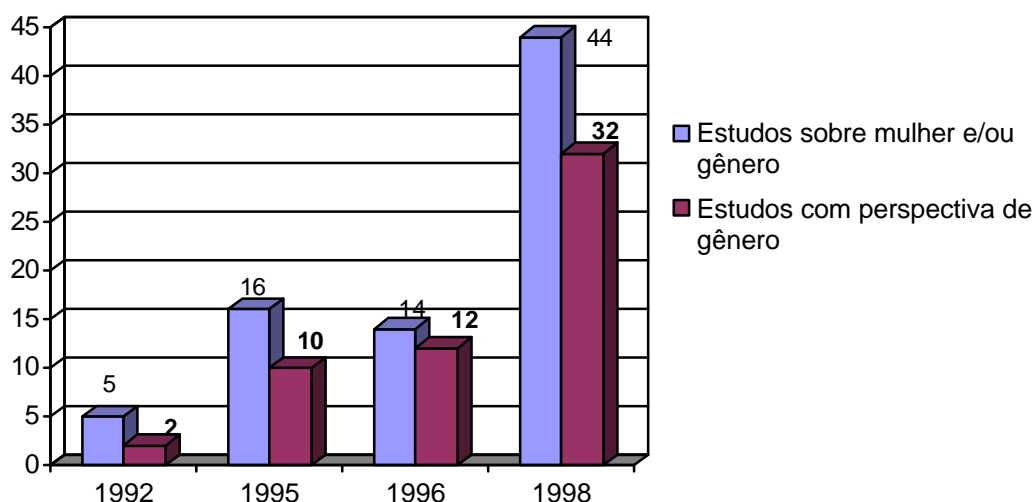
2 – grande parte dos trabalhos examinados não ser proveniente das dissertações e teses produzidas pelo Serviço Social. Vale ressaltar que constatamos que, das dissertações e teses produzidas pelo Serviço Social no período investigado, apenas 15% foram apresentadas sob a forma de artigos nos Congressos e Encontros pesquisados.

3 – o fato de haver pesquisadores e profissionais que atualmente se dedicam à problemática da mulher e/ou do gênero, mas que durante a realização de sua dissertação ou tese, não haviam ainda se inserido neste tema. Ou ainda, de assistentes sociais que trabalham com o tema em suas dissertações e teses, mas não as produziram em Programas de Pós-Graduação em Serviço Social, pois um número considerável de pesquisadores e docentes que apresentaram trabalhos nestes Congressos/Encontros foram formados por Programas de Pós-Graduação de outras áreas, como por exemplo, das Ciências Sociais.

Acredita-se que a conjunção destes três fatores, dentre outros, pode, de certo modo, explicar a maior presença da categoria gênero nos trabalhos apresentados nos CBAS e ENPESS.

Pode-se perceber um aumento considerável do número de trabalhos dedicados ao tema mulher e/ou relações de gênero. Tomando-se as produções apresentadas tanto nos CBAS quanto nos ENPESS conjuntamente, contata-se o aumento do número de estudos com uma perspectiva de gênero, como demonstra o gráfico a seguir. Vale ressaltar que no ano de 1998 foram registrados os trabalhos do CBAS e do ENPESS, que aconteceram no mesmo ano; por isso a quantidade de trabalhos é bem maior. Verifica-se que dos 44 trabalhos apresentados sobre o tema mulher e/ou gênero nos CBAS e ENPESS no ano de 1998, 32 deles, ou seja, 73% dos trabalhos, realizam suas análises a partir de uma perspectiva de gênero.

Trabalhos apresentados nos CBAS e ENPESS sobre mulher e/ou gênero distribuídos por ano de produção



Fonte: Trabalhos apresentados nos CBAS e ENPESS, entre os anos de 1992 e 1998, publicados nos cadernos de comunicações e cadernos de teses dos eventos

A tabela a seguir expõe as áreas temáticas nas quais os trabalhos examinados foram classificados, bem como a incidência de trabalhos em cada uma delas, onde se percebe uma grande variedade de temas, a exemplo do que ocorreu com as dissertações de mestrado e teses de doutorado. Os trabalhos que incidiam sobre o tema da mulher e/ou das relações de gênero foram lidos e classificados em áreas temáticas referentes. Como pode ser verificado, a distribuição dos trabalhos pelas áreas temáticas se dá de maneira diferenciada da que foi vista nas teses de doutorado e dissertações de mestrado examinadas.

Trabalhos sobre mulher e/ou gênero apresentados nos CBAS/ENPESS distribuídos por áreas temáticas

Áreas Temáticas	Total	%
Saúde	17	21,6
Movimentos Sociais e/ou Cidadania	12	15,3
Violência	11	14,0
Trabalho	8	10,1
Serviço Social	7	8,8
Criança e Adolescente	4	5,0
Formação Profissional em Serviço Social	4	5,0
Profissões	4	5,0
Terceira Idade	4	5,0
Criminalidade	3	3,8
Família	3	3,8
Debate entre gênero e classe	1	1,3
Religiosidade	1	1,3
Total:	79	100 %

Fonte: Trabalhos apresentados nos CBAS e ENPESS, entre os anos de 1992 e 1998, publicados nos cadernos de comunicações e cadernos de teses dos eventos.

Nota-se que, entre os trabalhos, a área temática que mereceu maior atenção por parte dos autores foi a saúde, seguido pelos movimentos sociais e/ou cidadania e pela violência. Em relação à saúde, cabe destacar que a maioria absoluta dos trabalhos dizem respeito à questão dos direitos reprodutivos, enfatizando temas como, planejamento familiar, esterilização feminina, contracepção, aborto etc. Alguns deles se dedicam à questão da AIDS, enfocando o fato de o número de mulheres atingidas pelo vírus estar apresentando um crescimento considerável. A área temática movimentos sociais e/ou cidadania

engloba os trabalhos que discutem os feminismos, e as suas conseqüências nas vidas das mulheres, militantes de vários movimentos sociais, ou ainda, o esforço e a luta das mulheres para a conquista ou manutenção de direitos. Os trabalhos da área temática “violência” se dedicam ao estudo do fenômeno da violência doméstica e conjugal contra a mulher, seja ela adulta ou adolescente.

A partir de agora, pretende-se apreciar os dados tratando separadamente CBAS e ENPESS, pois, apesar de ambos serem encontros de Serviço Social, apresentam algumas características que os diferenciam. O ENPESS apresenta-se como um encontro freqüentado, em sua maioria, por pesquisadores e pós-graduandos, que possuem, portanto, preocupações de um determinado perfil, além de ser um espaço mais restrito à divulgação de pesquisas realizadas ou em elaboração. Já o CBAS possui um caráter mais abrangente, onde participa uma grande parte dos profissionais, não só situados no campo da pesquisa como também na atuação profissional, bastando citar como exemplo a quantidade bem maior de trabalhos apresentados no CBAS (foram apresentados 719 trabalhos nos CBAS investigados e 320 nos ENPESS).

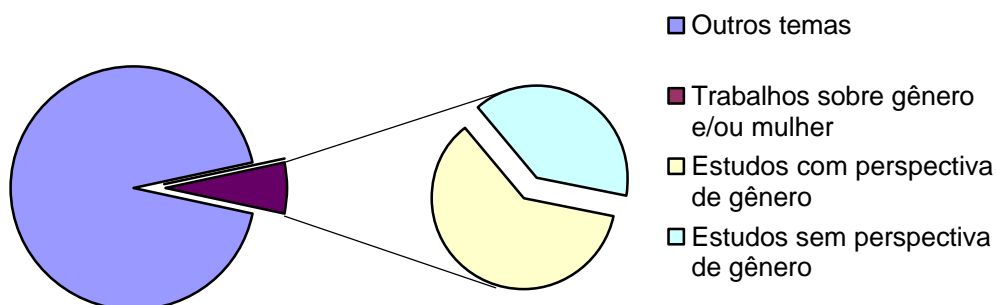
Em relação ao CBAS, percebe-se que os trabalhos apresentados referem-se a partes de dissertações de mestrado ou teses de doutorado, projetos de pesquisa, sistematização de atividades profissionais, reflexões acerca de questões postas pelo exercício profissional, resultados de pesquisas concluídas ou em andamento, ou divulgação de projetos de intervenção profissional. A quantidade de trabalhos apresentados por Congresso denota um crescimento do montante com o passar dos anos, o que reflete o grande interesse por parte dos profissionais em amadurecer questões que lhes são postas, seja pela via do estudo, da pesquisa ou da intervenção profissional.

Estes trabalhos demonstram um movimento muito interessante dos estudos sobre mulher e/ou relações de gênero. O primeiro grupo de trabalhos examinados (no CBAS de 1992, onde foi organizado um painel de comunicações especificamente para o tema da “intervenção do Serviço Social junto à mulher e à família) mostra que a preocupação com o tema estava em um estágio inicial. Neste painel, a maior parte dos trabalhos era composta por estudos que não possuíam uma perspectiva de análise que contemplasse as relações de gênero. E os poucos que mencionavam tal perspectiva não apresentavam uma discussão consistente acerca desta categoria, o que demonstra que a discussão não estava, ainda, devidamente amadurecida junto à categoria de assistentes sociais.

No grupo de trabalhos do 8º CBAS, de 1995 (do painel “O Serviço Social frente às relações de gênero e etnia”), percebe-se um esforço por parte dos autores em consolidar o gênero (em maior escala) e a etnia (em menor número)

como categorias necessárias tanto à produção de conhecimentos quanto à reflexão de questões postas pelo exercício profissional. Em 1998, os resultados deste esforço parecem vir à tona, pois tanto a quantidade dos trabalhos aumenta, quanto o nível de qualidade presente nas análises também se intensifica. O gráfico a seguir demonstra que, nos trabalhos sobre mulher e/ou sobre gênero, uma parte sensivelmente maior destes estudos apresenta a utilização de uma perspectiva de gênero nas análises realizadas.

Trabalhos apresentados nos CBAS distribuídos por tipo



Fonte: trabalhos apresentados nos CBAS e nos ENPESS, entre os anos de 1992 e 1998, publicados nos cadernos de teses e cadernos de comunicações dos eventos.

Em relação às áreas temáticas e às suas respectivas taxas de incidência, os trabalhos apresentados nos CBAS se distribuem de forma semelhante ao conjunto total de trabalhos (CBAS e ENPESS), apontando a saúde como a área de maior concentração de estudos sobre mulher e/ou gênero.

Trabalhos sobre mulher e/ou gênero apresentados nos CBAS distribuídos por áreas temáticas

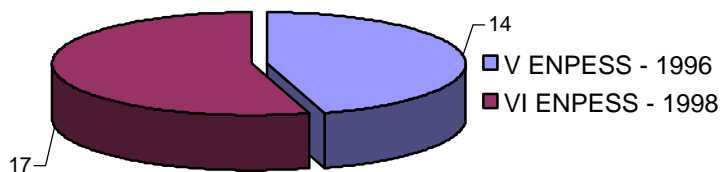
Área temática	Número de trabalhos	%
Saúde	13	27,1
Movimentos sociais e/ou cidadania	8	16,7
Violência	6	12,5
Trabalho	4	8,3
Terceira idade	4	8,3

Serviço Social	3	6,2
Formação Profissional em Serviço Social	3	6,2
Família	2	4,2
Criança e Adolescente	2	4,2
Profissões	1	2,1
Debate entre gênero e classe	1	2,1
Criminalidade	1	2,1
Total:	48	100 %

Fonte: Trabalhos apresentados nos CBAS e ENPESS, entre os anos de 1992 e 1998, publicados nos cadernos de comunicações e cadernos de teses dos eventos.

Parece desta forma, que o fato de a saúde ser uma das maiores áreas de atuação do Serviço Social, ou pelo menos a que mais emprega assistentes sociais (Serra, 1998), se reflete também nos estudos sobre mulher e gênero, o que nos leva a sugerir que a quantidade de profissionais que vêm se dedicando ao tema da saúde da mulher, com ou sem perspectiva de gênero, possui um índice significativo. No que se refere aos *Encontros Nacionais de Pesquisadores em Serviço Social*, vimos que o total de trabalhos apresentados permaneceu o mesmo nos dois encontros examinados (160 trabalhos), sendo que, em relação aos trabalhos sobre relações de gênero e/ou sobre mulher, houve um pequeno aumento no VI ENPESS.

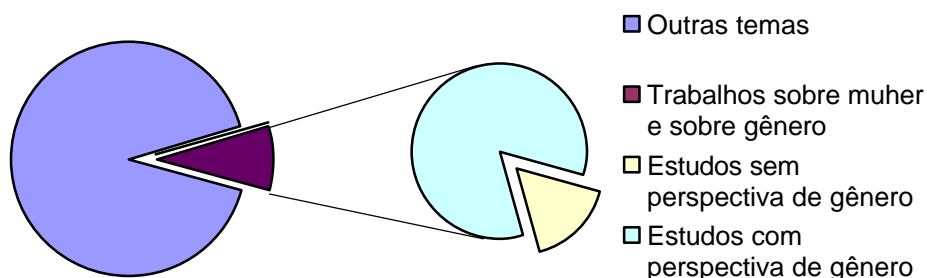
Trabalhos sobre mulher e/ou gênero apresentados nos ENPESS distribuídos por ano de apresentação



Fonte: trabalhos apresentados nos ENPESS de 1996 e 1998, publicados nos cadernos de teses do evento.

Nos ENPESS, a quantidade de trabalhos que demonstra a preocupação com o gênero enquanto uma perspectiva de análise é bem maior que o total de trabalhos do mesmo tipo apresentados nos CBAS. Enquanto nestes últimos, cerca de 60% dos estudos sobre mulher e sobre gênero apresentam a preocupação com a dimensão de gênero, nos primeiros, tal preocupação está presente em 84% dos

Trabalhos apresentados nos ENPESS



Fonte: trabalhos apresentados nos ENPESS durante os anos de 1996 e 1998, publicados nos cadernos de teses do evento.

estudos apresentados.

O fato de a categoria gênero estar mais presente nos trabalhos apresentados nos ENPESS levanta algumas problematizações que se julga necessárias. Uma delas diz respeito ao fato de este Encontro ser um espaço onde participam principalmente pesquisadores, vinculados aos diversos grupos e núcleos de pesquisa, e pós-graduandos, que realizam pesquisas para teses e dissertações, parte vinculado a estes grupos e núcleos, e parte não.

Sem querer estabelecer nenhuma forma de hierarquização entre esses dois espaços de encontro e debate da categoria de assistentes sociais, e levando-se em consideração que os CBAS são muito mais difundidos e divulgados entre os assistentes sociais do que os ENPESS, o que parece se vislumbrar é que entre os pesquisadores e pós-graduandos, a categoria analítica gênero parece estar mais incorporada. Tal fato poderia ser explicado pelo motivo mesmo de estes pesquisadores terem contato maior com a produção e o debate sobre o gênero, já que estão no interior da universidade, nos núcleos e grupos de pesquisa, ou ainda nos cursos de pós-graduação, onde os pesquisadores sobre o gênero também exercem atividades profissionais como professores.

Desta forma, o que se busca ressaltar é que a categoria gênero, por ser um conceito de utilização recente, na academia e no Serviço Social, ainda não foi consolidado como uma referência para a categoria profissional. Enquanto pesquisadores já vêm se dedicando ao seu estudo e pesquisa há algum tempo, o mesmo não ocorre com os profissionais que estão no espaço de trabalho, nas instituições, executando, criticando e elaborando políticas sociais. Esta, talvez, seja uma das explicações plausíveis para a maior presença da categoria gênero nos trabalhos dos ENPESS. Reside aí uma indagação que merece ser objeto de investigações futuras, de modo a confirmar ou não esta hipótese.

Um outro aspecto interessante, que realmente diferencia estes dois espaços de debate da categoria profissional, diz respeito às áreas temáticas sobre as quais se debruçam os pesquisadores em Serviço Social. Enquanto nos CBAS a saúde se mostra como a maior detentora de trabalhos, nos ENPESS a área que se vislumbra como a mais pesquisada é a da violência, ainda que por uma diferença pequena, como é possível perceber a partir do exame da tabela a seguir.

Trabalhos sobre mulher e/ou sobre gênero apresentados nos ENPESS, distribuídos por áreas temáticas

Área Temática	Número de trabalhos	%
Violência	5	16,4
Saúde	4	12,9
Movimentos Sociais e/ou Cidadania	4	12,9
Trabalho	4	12,9
Profissões	3	9,7
Serviço Social	2	6,4
Criminalidade	2	6,4
Criança e Adolescente	2	6,4
Serviço Social	2	6,4
Religiosidade	1	3,2
Formação profissional em Serviço Social	1	3,2
Família	1	3,2
Total:	31	100 %

Fonte: Trabalhos apresentados nos ENPESS, durante os anos de 1996 e 1998, publicados nos cadernos de teses do evento.

Entre os trabalhos sobre mulher e/ou gênero apresentados pelos pesquisadores em Serviço Social, a área sobre a qual se dedica maior atenção é a área da violência, em especial a violência conjugal e/ou doméstica contra a mulher. A saúde, que no CBAS era a área com o maior número de trabalhos, no ENPESS divide com a área movimentos sociais e/ou cidadania, a condição de segunda maior área de investigação entre os trabalhos apresentados. Aqui, o que vale ressaltar não é apenas o maior número de trabalhos sobre violência, que nos CBAS correspondiam a 12,5% do total de trabalhos apresentados, enquanto nos ENPESS correspondem a 16,4% do total. Há que se perceber também a

significativa diminuição dos trabalhos que se dedicam à área da saúde (que nos CBAS são 27,1% e nos ENPESS são 12,4%), e uma, não tão grande, mas considerável, diminuição de trabalhos sobre movimentos sociais e/ou cidadania (CBAS, 8 e ENPESS, 4). Assim, sem querer incorrer no risco de fazer afirmações apressadas, mas tentando verificar algumas tendências, que poderão ser ou não confirmadas com o decorrer do tempo, parece que a área da saúde, no que tange ao tratamento das mulheres ou à dimensão do gênero nela presente, não se mostra como uma forte *área de pesquisas* no Serviço Social, a partir dos dados obtidos junto aos ENPESS. De qualquer forma, o que vale destacar é que essas duas áreas são bastante abordadas pelo Serviço Social, seja no plano da pesquisa, seja no plano da intervenção profissional.

Creio que este interesse do Serviço Social por essas duas áreas (violência e saúde, voltadas ao atendimento à mulher), deve ser pensado, levando-se em consideração a existência de investimentos em políticas públicas ou medidas destinadas a estes fenômenos: em relação à violência, as *Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher* – DEAM ou *Delegacias de Defesa da Mulher* – DDM⁷; e em relação à saúde da mulher, o *Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher* – PAISM⁸. A maioria dos trabalhos sobre mulher e/ou gênero que se dedicam à saúde ou à violência, ou analisam estas políticas, ou fazem menção às mesmas.

Antes de finalizarmos esta parte, há que se ressaltar mais um elemento: os estudos sobre a área temática trabalho. Como se pôde perceber, embora as áreas temáticas sejam praticamente as mesmas identificadas nas dissertações de mestrado e teses de doutorado cujos resumos foram examinados, a concentração de trabalhos por área não se deu da mesma forma. Enquanto nas dissertações e teses produzidas no período compreendido entre os anos de 1975 e 1997, os estudos sobre mulher e/ou gênero se concentram marcadamente na área do trabalho, nos artigos apresentados nos CBAS e nos ENPESS esta área ocupa lugar secundário⁹. O trabalho foi uma das áreas sobre as quais os estudos sobre

⁷ No Rio de Janeiro, utiliza-se a denominação “Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher” – DEAM, e em São Paulo, utiliza-se a designação “Delegacias de Defesa da Mulher” – DDM, havendo ainda variações no restante do Brasil. A criação destas delegacias, como afirma Almeida (1998:20), foi fruto de pressões de representantes do movimento feminista junto ao poder público, quando ocorreram negociações de políticas públicas, nas quais tais delegacias se situavam.

⁸ Pougny, ao realizar uma avaliação do PAISM no município do Rio de Janeiro, afirma que o PAISM é uma política social que foca a “integração e ampliação do atendimento à população feminina, pelo setor público, que implica a articulação dos Ministérios da Saúde e Assistência Social, com as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde” (Pougny, 1998:57).

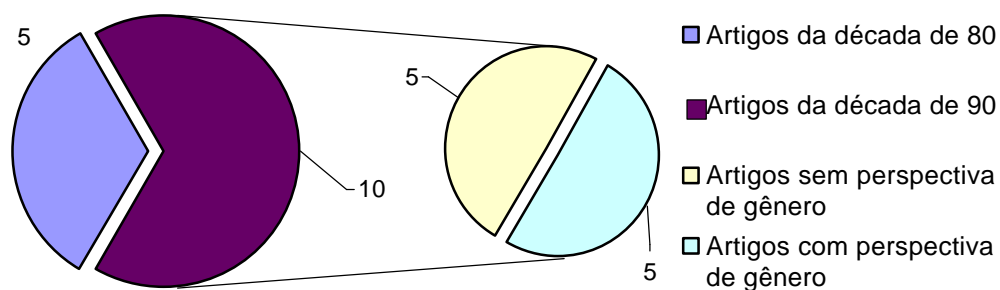
⁹ Deve-se levar em consideração, contudo, o fato de que os trabalhos produzidos nos Programas de Pós-Graduação e os trabalhos apresentados nos Congressos e Encontros são produções que apresentam perfis distintos. Dentre os trabalhos apresentados nos CBAS, por exemplo, é possível

mulher, tanto no Serviço Social quanto nas Ciências Sociais, mais se debruçaram. Por isso, tarefa relevante é aquela que busca investigar essa diminuição da abordagem da questão da mulher e do gênero no trabalho, tarefa esta que não se encontra, no momento, dentro dos objetivos deste trabalho.

4.3. A produção nas Revistas Serviço Social e Sociedade e nos Cadernos ABESS

Foram examinados todos os números da *Revista Social e Sociedade*, veículo de disseminação de material formativo e informativo da categoria profissional, que vem sendo publicado desde 1979, pela Editora Cortez. Após o exame das Revistas, foram relacionados os artigos específicos sobre mulher e/ou relações de gênero, que constituem o objeto de análise desta parte do trabalho. Estes artigos correspondem a um total de 15 textos, que abrangem uma série de áreas temáticas, como saúde, criança e adolescente, trabalho, família, mulheres migrantes etc.

Artigos sobre mulher e/ou sobre gênero publicados na Revista Serviço Social e Sociedade



Fonte: artigos publicados na Revista *Serviço Social e Sociedade*.

Dez artigos foram publicados na década de 90 (período em que, como vimos a categoria gênero se incorpora ao Serviço Social), sendo que cinco artigos demonstram percepção da dimensão do gênero nos seus objetos de estudo ou áreas temáticas. Dentre os artigos publicados na década de 80, nenhum deles utiliza uma perspectiva de gênero ou demonstra perceber uma dimensão de gênero presente nos fenômenos estudados.

verificar-se a existência de temas diretamente relacionados à intervenção profissional, como é o caso dos trabalhos que se referem à saúde.

A utilização dos artigos publicados na Revista *Serviço Social e Sociedade* se dará de forma bastante cuidadosa, pois, diferentemente de dissertações e teses produzidas em Programas de Pós-Graduação e de trabalhos apresentados nos CBAS e nos ENPESS, a publicação dos artigos depende mais da Comissão Editorial da revista do que do próprio autor. Ou seja, o fato de haver poucos artigos sobre mulher e/ou gênero publicados, não significa que não haja material produzido, mas sim que, por diversos fatores, não foram publicados. Espera-se, com esta postura, não cair no equívoco de afirmar que falta de material publicado seja falta de material produzido. Por isso, optou-se por não proceder a nenhuma afirmação generalizante, que tenha por base os dados coletados nestes artigos, no que se refere à descrição quantitativa. Entretanto, no tocante à análise qualitativa, tais artigos possuem um valor altamente relevante, pois colocam para a categoria, através de um de seus principais veículos de difusão de conhecimento e informação a nível nacional, parte da discussão sobre a questão da mulher e das relações de gênero.

Por isso, não parece correto afirmar, a partir desses dados, que a categoria gênero não foi incorporada pelo Serviço Social, apenas porque as publicações existentes são poucas. Acho que a afirmação que caberia aqui é a de que o mercado editorial ainda não incorporou as contribuições que o Serviço Social possivelmente tem desenvolvido com a utilização da perspectiva de gênero.

Em relação às áreas temáticas, os artigos se dedicam a um grupo mais restrito do que as percebidas nos outros momentos da pesquisa, sendo a “família” a que comporta o maior número de trabalhos, como está exposto na tabela a seguir.

Artigos Publicados na Revista Serviço Social e Sociedade distribuída por Área Temática

Áreas temáticas	Número de artigos
Família	5
Movimentos sociais e/ou cidadania	3
Saúde	2
Serviço Social	2
Trabalho	2
Criança e adolescente	1
Total	15

Fonte: artigos publicados na Revista Serviço Social e Sociedade

Em relação aos *Cadernos ABESS*, após o exame de todos os seus números, não foi encontrado nenhum artigo ou texto específico sobre mulher ou sobre gênero. O que se constatou foi a existência de alguma menção ou referência à mulher ou ao gênero, sem, no entanto, realizar um tratamento aprofundado da questão.

No *Cadernos ABESS* n.1, por exemplo, pôde-se ver que em um painel sobre “Teoria, Método e História na Formação Profissional” (ABESS, 1993), os debatedores, Suely Gomes (p.73), José Paulo Netto (pp. 74-5) e Vicente Faleiros (pp. 76-77) comentaram o fenômeno da predominância da mulher na profissão, sob uma perspectiva de divisão social, técnica e sexual do trabalho. No *Cadernos ABESS* n. 7, no bojo do processo de revisão curricular, o gênero foi apontado como um dos aspectos da formação profissional, e situado no “núcleo de fundamentos da formação sócio-histórica da sociedade brasileira” (ABESS/CEDEPSS, 1997:65). Já no *Cadernos ABESS* n.8, Kameyama (1998), realizando um balanço da produção de conhecimentos no Serviço Social no período de 1975 a 1997, aponta o gênero, juntamente com a família, como a sétima área temática de maior concentração de teses de doutorado e dissertações de mestrado produzidas nos Programas de Pós-Graduação em Serviço Social do Brasil (p. 58).

Estas são, portanto, as referências à mulher ou ao gênero, encontradas nos *Cadernos ABESS*, que se julgam importantes. Ressalta-se que tais referências não foram problematizadas ou aprofundadas, tendo sido apenas apontadas durante o tratamento do tema principal do artigo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de conhecimentos em Serviço Social possui um acervo considerável sobre o tema mulher e/ou relações de gênero. Tanto na produção de teses e dissertações, quanto na produção dos trabalhos apresentados nos CBAS e nos ENPESS, o material existente sobre o tema é considerável. Foi visto também que parte destes trabalhos utiliza-se de uma análise operada a partir de uma perspectiva que lhes permite verificar a existência de relações de gênero, e que essa perspectiva começa a ser percebida no Serviço Social a partir da virada da década de 90, quando começam a surgir as primeiras dissertações de mestrado que apontam a utilização da categoria gênero em seus estudos.

O índice de trabalhos sobre mulher e/ou gênero na produção de conhecimentos do Serviço Social parece bastante considerável, principalmente ao se levar em conta a vasta gama de áreas temáticas existentes. Acredita-se que não há como afirmar que o tratamento dedicado à mulher e ao gênero no âmbito do Serviço Social (pelo menos em sua expressão quantitativa) esteja ausente. Ele existe, e parece, a partir dos dados, ser significativo. O que se poderia afirmar é que tal tratamento não apresenta uma qualidade condizente com o tratamento que vem sendo feito por outras áreas do conhecimento, nacionais ou internacionais. Mas isso não significa de modo algum uma ausência. O que se pretende neste trabalho é sustentar esta afirmação: o tratamento que o Serviço Social vem dando à questão da mulher e/ou das relações de gênero é significativo, e permite já na atualidade a realização de uma análise, de um balanço acerca de sua contribuição para o debate sobre o tema. Desta forma, não se concorda com as afirmações que supõem uma ausência na produção de conhecimentos em Serviço Social (e conseqüentemente em sua intervenção profissional) do tema mulher e/ou relações de gênero, pois o material já produzido permite verificar um razoável acúmulo de discussões sobre o tema.

O fato de seu tratamento apresentar alguns problemas ou ainda falta de rigor teórico-metodológico, deve ser pensado à luz da recente inserção desta categoria no vocabulário analítico do Serviço Social. Como foi visto, o primeiro estudo que utiliza uma perspectiva de gênero aparece em 1989. Uma década é muito pouco tempo para que uma discussão teórica seja amadurecida e consolidada no seio de uma profissão. Basta pensar por exemplo, a forma como o marxismo foi utilizado pelo Serviço Social, e a posterior reelaboração crítica desta utilização¹⁰. O que deve ser destacado é que a produção que o Serviço Social possui sobre o tema alcançou, nos dias atuais, uma etapa que permite uma

¹⁰ O texto de Quiroga (1991) explicita alguns dos equívocos originários de uma apropriação do legado de Marx pelo Serviço Social sem a devida superação dos vieses do positivismo e do ecletismo, um marxismo viciado por esquematismos e vulgaridades.

avaliação de suas tendências, avanços e dificuldades, lembrando-se sempre que tal produção é recente, e por isso mesmo, em processo de amadurecimento, normal nos debates e discussões plurais e coletivamente travados.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABESS. (1993) “Teoria, método e história na formação profissional do assistente social”. In *Cadernos ABESS* nº 1. São Paulo: Cortez.

ABESS/CEDEPSS (1997). “Proposta básica para o projeto de Formação Profissional: novos subsídios para o debate”. In *Cadernos ABESS* Nº7. Formação Profissional: Trajetória e Desafios. São Paulo, Cortez.

ALMEIDA, Suely Souza de (1998) *Femicídio – algemas (in) visíveis do público-privado*. Rio de Janeiro: Revinter.

ALMEIDA, Suely Souza de (1997) “Relações de gênero: notas preliminares para análise de seu potencial heurístico”. Rio de Janeiro: UFRJ (mimeo).

HECKERT, Sonia (1991). “Identidade e mulher no Serviço Social”. In *Serviço Social e Sociedade*, nº 36. São Paulo: Cortez.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. (1998) *O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez.

KAMEYAMA, N. (Coord.) (1996). Catálogo de Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado - Área Serviço Social - Brasil (1974-1995). Rio de Janeiro: UFRJ.

_____. (1998) A trajetória da produção de conhecimentos em Serviço Social: avanços e tendências. In *Cadernos ABESS* Nº 8. São Paulo: Cortez.

LAURETIS, Teresa de. (1994) “A Tecnologia do Gênero” in HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Tendências e Impasses. O Feminismo como Crítica da Cultura*, Rio de Janeiro: Rocco.

LAVINAS, Lena e CASTRO, Mary G. “Do feminino ao gênero: a construção de um objeto”. In *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos / São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. (1996) “Nas redes do conceito de gênero”. In LOPES, Marta Julia Marques, MEYER, Dagmar Estermann e WALDOW, Vera Regina (org.) *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas.

NETTO, José Paulo. (1995) “Prefácio”. In GUERRA, Yolanda. *A instrumentalidade do Serviço Social*. São Paulo, Cortez.

- POUGY, Lília Guimarães. (1998) "A cidadania reprodutiva em construção no Rio de Janeiro: representações sobre contracepção". São Paulo: PUC-SP (Tese de Doutorado).
- QUIROGA, Consuelo. (1991) *Invasão positivista no marxismo: manifestações no ensino da Metodologia no Serviço Social*. São Paulo: Cortez.
- SAFFIOTI, H. I. B.; ALMEIDA, S. S.; CANÇADO, M. E. R. (1992). "A Rotinização da violência contra a mulher: o lugar da praxis na construção da subjetividade". Congresso Internacional América 92: Raízes e Trajetórias - USP/São Paulo (mimeo).
- SAFFIOTI, Heleieth & ALMEIDA, Suely Souza de. (1995). *Violência de Gênero. Poder e Impotência*. Rio de Janeiro: Revinter.
- SCAVONE, Lucila (1996). "Recursos conceituais: feminismo e ciências sociais". In Id.(org.). *Tecnologias Reprodutivas*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista.
- SCOTT, Joan Wallach (1995). *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. 2ª ed. Recife: SOS Corpo.
- VELOSO, Renato (2000). *Gênero e Serviço Social: um balanço crítico-bibliográfico*. Rio de Janeiro: UFRJ (Dissertação de Mestrado).
- ___ (2000a) "O lugar do gênero na produção de conhecimentos em serviço social". In *Anais do VII ENPESS*. Brasília: ABEPSS.
- ___ (2001) No caminho de uma reflexão sobre Serviço Social e gênero. Rio de Janeiro: UFRJ (mimeo).